

# Restolho

## *A Tenaz*

A América era tudo isso. Uma terra de liberdade, até chegar a era da comunicação total, ou seja, da luta pela privacidade, quando os outros têm que saber e sabendo fazem-me famoso. Falo da América que nos chega pelas canções dos anos oitenta, a Rádio 80, os filmes, os escritores como Hemingway ou Jack Kerouac.

As grandes frustrações fazem os grandes homens, no crisol dos sentimentos humanos. Baudrillard falava dessa comunicação total, num perpétuo movimento (de ligação) das pessoas em si, como na série *Perpetual Grace...*

A propósito, estou vendo o torneio de Roland Garros, com o lema “Victory comes to the Tenacious”, enquanto o governo não caiu, nem creio que o faça a não ser que Marcelo apele à sua costela liberal.

Quando tocas no interesse instalado, as pessoas reagem, nem que não comuniquem entre si no quotidiano. Lisboa está-se tornando muito impessoal, pela menos para o meu gosto, é raro alguém te dar os bons dias sem tu dares de antemão. No outro dia, passou um amolar, velhos hábitos ainda se perfila, entre a violência doméstica e o estertor dos media, os novos e os velhos. “Erros Velhos”, como diria O Professor Pina-Cabral.

A América não é o resultado da revolução industrial, é consequência disso levada ao extremo da saturação mental, disfarçada de saúde mental abalada, é estertor do sujeito que precisa de familiaridade. Nunca um terreno foi tão bom como agora para os

etnólogos, ou seja, é o tempo que se joga (aí) em *dasein* existencial, com o valor à cabeça, o do consumo (o direito e o dever de consumir que se articulam), as armas, o mau exemplo, a cultura americana no seu geral...

Ora, nesta linha de tempo, pode o cientista social ser santo, mesmo segundo a Igreja Católica? E que fazer à Nuvem (*Do Não-Saber*) identificada por José Mattoso a partir da tradição medieval? O conhecimento é político? Porque não pode a teoria social ser religiosa? Porque não pode a teologia ser uma das ciências sociais? No êxtase da sua contemplação, teresa de Àvila estava inserta no mundo, em Deus e uma e outra eram a mesma coisa, digamos. Também João da Cruz, quando escrevia poemas e entrava em transe ascético, estava sendo compreendido, pelo mundo, pelas pessoas, tal como São Francisco com as flores e os animais...

Nesse tempo, embora cientista social, Deus não era a sociedade, ou seja, não mais podia fazer equivaler os dois termos, como me haviam ensinado os professores. Mas também não acreditava assim tão cegamente nos padres da Igreja, ainda que a Patrística ainda me desafiasse os sentido da mente...

**Victor Mota**